



VIDA ATIVA

ARPIFG Nº. 51

Vozes no silêncio

Surgem-nos por todo o lado, quase sempre andrajosos, desgrenhados, com uma enorme tristeza no olhar que nos fita envergonhado.

Pedem uma moeda, por vezes até qualquer coisa para comer, e o nosso coração aperta ao depararmo-nos com um semelhante que nos aborda, desvalido, sem sabermos ao certo o que fazer.

O que motiva esta situação atroz, cada vez mais copiosa, que nos esbarra a cada momento, e nos apresenta uma realidade execrável que tentamos não ver e muito menos terminar?

Quiçá os divórcios, o desemprego, a toxicodependência, que atiram para a rua muitos homens e/ou mulheres que, subitamente, surgem sem

habitação e sem meios financeiros de sustento.

Esta situação favorece a entrega a vícios como o álcool ou as drogas, a degradação do corpo e da alma, a solidão.

Surgem depois as carências monetárias para a satisfação das necessidades, os roubos, os consumos, o caos.

Não fora as organizações de voluntários que diariamente se entregam ao amor pelo próximo, programando entregas de comida e outros géneros, e a vergonha da comunidade seria bem maior e quase insustentável!

É urgente alterar este estado de coisas e contribuirmos, convictamente, para dissipar esta calamidade, evitando o aparecimento de outros iguais, eventualmente nós próprios ...

Associação de Reformados, Pensionistas e Idosos da Freguesia de Cacilhas



Aprendeste a ser pequena, mas és grande. Passas os dias cuidando dos outros, filhos, marido, os teus pais já idosos, sem que logres um tempinho para ti, os teus sonhos, as tuas vontades, o teu querer.

Violentada no corpo e na alma, os teus dias resumem-se ao trabalho árduo, às múltiplas tarefas que desempenhas em casa, em prol de todos, sem quase dormires.

No silêncio da noite, questionas a vida que passas, o porquê de tanta violência, o que fizeste para merecer tal desaforo. És apenas criada sem salário numa casa que não te respeita. Pensaste que ele era um homem bom, quando te entregaste, que faria de ti uma mulher feliz, que serias a sua metade. Mas não, a violência física, verbal e mais um não sei quê que não sabes definir, desde sempre povoaram o teu viver.

A outra pandemia

Lembras-te agora quando ainda, em namorado, te presenteou com uma bofetada sem que sequer entendesses o porquê, mas acreditaste que era apenas o ciúme e que ele te amava. Imediatamente te pediu desculpa, e prometeu que não voltaria a fazê-lo.

E perdoaste ... mas os dias de ciúme repetiram-se, cada vez mais costumeiros, as desculpas da praxe, o viver de incerteza e desdita.

Agora já não sentes nada, tornaste-te apenas num saco de pancada, não te pertences, és meramente uma velha marioneta que os outros manietam a seu prazer.

Sabes que não podes manter tal condição, que não queres continuar nesta prisão que é a tua vida, mas o torpor assola o teu corpo dorido, e dizes para ti própria, hoje não ... talvez amanhã ...

LINHA NACIONAL DE EMERGÊNCIA SOCIAL - 144

STOP





Fuga ... para o futuro

Chegam aos magotes, em pequenas barcaças, fugindo de um mundo que não querem, migrando em busca de um porto seguro. Carregam nos ombros uma realidade de conflitos vários, guerras civis, repressão política ou religiosa, ou violação dos direitos humanos.

Gastam as economias de uma vida, e a travessia é arriscada, acompanha-os a fome, o frio, condições precárias de higiene e saúde e a incerteza no futuro é somente do que desfrutaram nesta jornada cega, rumo a um não sei onde de esperança.

Apenas pretendem chegar vivos após muito esforço, ser aceites por um país que desconhecem, e poder recomeçar uma nova vida sem medo e inseguranças.

Refugiam-se nas recordações que lhes ocupam o espírito, do antes dos problemas, quando a vida lhes sorria nos empregos e existências comuns, e que agora se desvaneceu num repente, restando apenas a força que inventam no corpo e o poder firme das suas mentes.

Contudo, nem sempre os países de acolhimento acolhem estes migrantes com a humanidade merecida.

A xenofobia, a aversão, ou a indiferença é, por vezes, o denominador comum na receção a estas gentes, que apenas pretendem uma palavra de apoio, um olhar, um carinho.

Estas situações constituem hoje em dia um dilema moral dos países, nomeadamente da Europa: receber ou rejeitar. Nenhum de nós está imune a que o país onde vivemos possa desenvolver conflitos vários capazes de provocar uma guerra civil ou militar. E então aí, também gostaríamos de ser recebidos noutra local e podermos aspirar a uma existência em paz.

O acolhimento e o tratamento com respeito e dignidade são a melhor solução para o mundo superar esta crise.

Oxalá o universo nos ajude a conseguir esta premissa!



Por determinação das normas estatutárias, e não obstante as condicionantes da pandemia, realizou-se a Assembleia Geral Ordinária de discussão e aprovação das Contas referentes ao ano de 2019, no passado dia 25 de Setembro de 2020.

Para os associados e comunidade em geral, as Contas Relativas ao Exercício de 2019 encontram-se publicitadas no site da Instituição www.arpifc.com, nos termos da lei.



Pelo facto de não se encontrarem ainda asseguradas as condições de segurança para o reinício da nossa atividade, a ARPIFC mantém encerradas as suas instalações, estando, contudo, ao dispor dos associados e da comunidade em geral para todas as solicitações que nos sejam dirigidas, pelos telefones 918036092 e 210889489.

CÁ POR CASA



Encontram-se à disposição dos nossos associados e comunidade em geral as peças originais e únicas elaboradas pelo artesão da nossa Associação, Daniel Malveiro. Ajudem a Instituição, adquirindo uma peça para os vossos presentes.



Folha processada com os recursos informáticos da ARPIFC
Da responsabilidade da Direção
Publicação trimestral (se possível)
Escrevam qualquer coisa para publicar
nos próximos números